

Eram cinco horas da manhã

Eu sei bem que isto não são horas de estar de pé, mas a razão era ótima: pegar o avião e ter alguns dias de férias na praia. O que eu não esperava a esta hora da madrugada era encontrar um sujeito tão animado.

Assim que ele desceu do táxi para ajudar a colocar a bagagem no porta malas do carro, começou a falar:

Isso é que é gente civilizada! Duas malas apenas. Quando vem gente da minha terra – o Ceará – é mala, sacola, pacote para todo lado e, sempre, tem umas vinte pessoas para dar tchau, na saída, e outro tanto esperando na rodoviária, na hora da chegada. Foi assim quando minha mãe veio me visitar em São Paulo.

Já comecei a achar o motorista simpático, mas não imaginava que ele iria falando do centro até Congonhas sem parar, fazendo pausas tão pequenas que eu não podia perder tempo se queria encaixar uma perguntinha rápida para esclarecer um ponto ou outro, porque, é claro, eu já estava pensando em escrever este texto depois.

Mal entramos no táxi, depois de uma troca de opiniões sobre qual o melhor trajeto para pegar a avenida 23 de Maio, ele perguntou se a gente era de São Paulo e emendou rapidamente:

Estou em São Paulo há 45 anos. Posso dizer que já sou daqui. Tenho direito a passaporte carimbado, a Green Card, a tudo, depois de tanto tempo nesta cidade. Ainda mais que, quando cheguei aqui, dormi no chão por um mês. É, dormi no chão.

Ele interceptava a sua narrativa com frases que eram respostas a perguntas que não eram feitas, mas que ele supunha ou gostaria que a gente fizesse a ele, do tipo:

Dormiu no chão mesmo?

Só para ele confirmar:

É, no chão.

E continuava ele falando, volta e meia fazendo um giro de uns 60 graus no pescoço, dando um jeito de a gente ver melhor o seu rosto, mas sem tirar os

olhos do trânsito, que àquela hora estava tranquilo, o que permitia a ele se soltar ainda mais na conversa.

Foi numa pensão muito furreca, que ficava ali na Alameda Santos. A casa foi demolida e no lugar tem hoje um prédio. Eu cheguei do Ceará e só tinha 50 cruzeiros e a mensalidade era 100, foi aí que a velhinha, a dona, me sugeriu que eu dormisse no chão. No quarto, eram quatro pessoas e nenhum conhecia o outro. Como eram três camas, ela forrou um canto, onde eu passei uma semana, até que ela comprasse uma cama de companhia.

Fazia de novo a meia volta com o pescoço e perguntava:

Sabe aquelas camas de campanha? Pois é, era tão ruim, que gostava mais de quando dormia no chão...

Trinta segundos de pausa para ele comentar que o trânsito fluía bem.

Nos meus primeiros dois dias em São Paulo, fiquei na casa de um primo, mas mal arrumei o emprego na padaria, peguei minha mala e sai sem dizer adeus, como dizia a música, porque desde que cheguei não gostei da cara que fazia a mulher dele.

Quando a velhinha da pensão falou que custava 100 e eu tinha 50, imaginei que ia ter que passar a noite na rua com a minha mala, mas ela deu aquela opção mais barata, graças a Deus, e eu achei foi bom, mas se precisasse dormia na praça, só para não aguentar a cara da tal esposa do meu primo.

Aproveitei o tom mais lento do agradecimento a Deus, para perguntar se a padaria era perto da pensão e rapidamente ele foi explicando:

Não, era perto da Avenida Interlagos. Naquele tempo.

O "naquele tempo" foi dito, como quem pergunta se a gente podia imaginar o quão periférica era a Avenida Interlagos, 45 anos atrás. E foi continuando:

Sabe por que eu procurei emprego numa padaria?

Antes que eu pudesse tentar uma resposta, ele já foi explicando:

Porque eu sabia que, assim, eu não ia passar fome. Teria sempre alguma coisa para comer, já que, até receber meu primeiro salário, eu não teria um tostão no bolso.

Pensei em perguntar se ia de ônibus para a Avenida Interlagos, mas não teve um suspiro de pausa.

Eu gostava de trabalhar na padaria, gostava muito mesmo e sempre tinha o que se beliscar, sem o dono ver.

Consegui perguntar rapidinho o que ele fazia lá.

De tudo, de tudo um pouco, limpava, carregava os mantimentos, fazia pequenos consertos, mas logo o dono viu que eu era esperto e perguntou se eu sabia escrever. Claro que sabia, não foi à toa que, na minha terra, um lugarejo no município de Jaguaribe, interior do Ceará, eu ia de jegue até a escola. E tinha dia que este jegue empacava e o senhor sabe [virando pescoço para o meu marido] jegue quando não quer, não tem que faça ir em frente. Pois é, como ia explicando o dono da padaria me passou para o balcão, para fazer atendimento. Aí, eu dei um show de bola. Era rápido, muito moço, não tinha preguiça e era simpático. Foi muito bom.

Fiquei imaginando ele no balcão e me lembrei deste pessoal todo que trabalha neste ofício em São Paulo. Alguns são magnificamente rápidos e são capazes de fazer o que somente é possível no Terceiro Mundo, atender um, cobrar o outro e dar informações a mais um que pergunta se é possível fazer um pão na chapa rapidinho.

No entanto, ele me retirou de minhas abstrações, para voltar ao seu relato.

De lá fui trabalhar num hotel na Brigadeiro, perto da Campinas [e ia falando os nomes dos logradouros de São Paulo, como quem tem a intimidade que permite estas simplificações: nada de Avenida Brigadeiro Luiz Antonio ou Alameda Campinas]. Não, não [de novo, falou como se tivéssemos feito uma pergunta que ele achava que deveria ser feita], não era um hotel bom, era meio espelunca, sabe? Hotel de curta permanência. Saía um casal, entrava outro. Pois é, foi minha sorte estar neste emprego. Havia um bacanão lá que ia sempre para passar umas horas com uma moça, era sempre a mesma moça, no mesmo dia da semana. Ele gostava de ficar no mesmo quarto, me telefonava, pedia para eu guardar aquele para ele, a moça chegava antes e ele depois. Ele nunca entrava, nem saía junto com ela. E eu ia ajeitando para agradar o homem que vinha de Dodge Dart. Um carrão aquele...

E eu perguntei:

Por que foi sorte estar neste emprego?

Ele gostou que, desta vez, eu fiz a pergunta que ele queria ouvir.

Ahhhh...

E alongou a interjeição e a seguiu de uma pausa para dar a resposta, fazendo nova virada de pescoço para mostrar que agora vinha uma parte importante:

Um dia seu Roberto Leite falou: “E aí, Ceará, tem um terno?” Eu respondi rápido que tinha lá um paletó que dava para enganar e ele [o tal Roberto Leite] me perguntou se eu queria trabalhar no Mappin. Vocês imaginam uma pergunta destas? O Mappin era a loja mais chic de São Paulo, tinha 12 andares.

Achei que ele estava já exagerando, pois não me lembrava que o prédio fosse tão alto, mas acabo de olhar no Google Maps e, de fato, são 12 andares fora o térreo e o que suponho seja um último andar com terraço.

Aproveitei um respiro dele, para contar que conheci muito bem o Mappin na minha infância e gostava muito da sala de chá que era elegante, mas ele não parecia escutar e acho que nem queria. O negócio dele era falar.

Pois é, seu Roberto me sugeriu cortar o cabelo. Obedeci, tomei um banho especial, coloquei a melhor camisa, o tal paletó e meia hora antes do mercado já estava na frente do Mappin esperando ele, que chegou todo, todo, no seu Dodge Dart.

A senhora sabe, né? Naquele tempo não era calçada e os carrões dos tubarões paravam na porta do Mappin. Ele devia ser peixe grande em algum ministério, pois tinha dinheiro e influência.

Só deu tempo de eu fazer o gesto de sim com a cabeça.

Fomos direto ao último andar onde ficava o bam bam bam do Mappin. Seu Roberto deu o cartão de visitas dele para a moça que ficou de ver se o chefe podia atender, mas mal a secretária abriu a porta para falar com ele e o Seu Roberto foi entrando junto e conversando na maior intimidade com o cara.

Falaram de tudo, menos de mim, mas ao final, o tal diretor geral me deu um cartão e me mandou passar no setor de pessoal, para um teste. Eu fiz o teste, mas sei que passei mesmo porque fui indicado pelo bam bam bam a pedido do Seu Roberto.

Dei um show de bola lá no Mappin também [ele adorava esta expressão ‘show de bola’]. Vendia muito, mas não enganava o freguês, vendendo o que ele não precisava. Não tinha preguiça de explicar as vantagens do produto ou de oferecer alternativas novas. E fui subindo de departamento. Comecei nos primeiros andares, roupas, calçados, utensílios, até chegar nas vendas de TV e aí estourei mesmo.

A gente ganhava 3%, a senhora sabe? E com isso eu passei a ganhar 30 mil cruzeiros por mês. Dá para imaginar? Eu que cheguei e dormi no chão, ganhar tudo isto? Comprei logo um Opala laranja e uma casa para

minha mãe no Ceará. Adoro laranja. Minhas camisas preferidas são laranja e quando eu coloco minha mulher fica reclamando.... Mas, voltando ao Mappin, eu ganhava muito, mas vendia muito. Lamentavelmente, eles resolveram despedir todo mundo que tinha contrato de 3% de comissão e contrataram novo time de vendedores ganhando 1%. Acho que foi mal negócio, porque depois a empresa faliu. Fiquei desesperado, porque a esta altura eu já estava casado e com duas filhas. Foi aí que eu resolvi transformar meu carro em táxi e estou nesta há quase trinta anos.

Fiz as contas e constatei que entre a padaria, o hotel e o Mappin ele levou mais de 15 anos e, novamente, entrei em abstrações, me indagando quantas pessoas ficaram tristes com o fechamento do Mappin. Eu fui uma delas, afinal, mesmo que houvesse a Sears e a Mesbla, ninguém batia a variedade grande e o preço mais baixo do Mappin. Voltou ele a falar e me roubar o momento das lembranças:

Não posso reclamar da vida de taxista, mas tem dia que trabalho 16 horas. Depois que entrou o Uber e todos estes aplicativos, tudo piorou para nós e, graças a Deus, eu já dei estudo às minhas duas filhas, porque, se fosse hoje não daria conta.

Os senhores sabem que formei duas filhas? Eu que vim do Ceará e dormi no chão. E não foi qualquer formatura não. A mais velha fez Direito no Largo de São Francisco e já completou o mestrado. Trabalha no segundo maior escritório de advocacia de São Paulo. No segundo, ouviram? Ainda quer fazer o doutorado. A segunda estudou Engenharia Química na Unifesp, onde também é muito difícil entrar, e já trabalha numa empresa multinacional, destas nas quais só se fala em inglês.

Dá para imaginar? Sabe, entrar em faculdade pública é difícil, mas com meu trabalho de taxista eu paguei cursinho para as duas. O cursinho da Poli. Não é dos mais caros, mas é ótimo. Todo mundo sabe que quem estuda em escola pública não consegue entrar em universidade boa.

Eu queria concordar, amenizar um pouco a afirmação dele, mas não tive qualquer chance. Já estávamos fazendo a alça de entrada de contorno para entrar nas áreas de desembarque do aeroporto de Congonhas e ele continuava explicando:

A mais velha vai largar o emprego só para estudar para o concurso para juiz. Já imaginou um cearense que dormiu no chão e andou de jegue

para se alfabetizar ter uma filha juíza? Eu hei de ter. Sempre valorizei estudo. Isto é que é riqueza e não dinheiro.

Já estava ele estacionado e entregando as malas para nós, quando ele nos perguntou:

E vocês trabalham no que?

Somos professores universitários, na Unesp.

Ele retrucou feliz:

Então, falei com as pessoas certas. Vocês devem ser doutores e entendem muito bem o que expliquei. Sabem o valor de um doutorado e podem imaginar como estou feliz de minhas filhas terem estudado.

Concordamos e eu perguntei o nome dele, enquanto nos dava um aperto de mão e desejava boa viagem.

Dário [deu um sorriso e repetiu] *Dário ao seu dispor.*

Desejei bom trabalho e o parabeneizei pela sua história de valor, pensando que não é qualquer história, mas um pedaço da história do Brasil e de uma geração que, no período de muito crescimento de São Paulo, conseguiu chegar e vencer. Ver seus filhos irem muito além de onde eles foram. Sei bem que há muitas outras histórias cujos finais não são tão felizes, mas há os Dários da vida...

Já pensaram quantas vezes essas duas filhas já escutaram esta história?

Valeu a pena acordar as cinco horas da manhã.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2018